



POESIA REVISITADA

POETRY REVISITED

Evelina Hoisel¹

Resumo: Este texto efetua uma leitura de *Poemas* (7Letras, 2017), a mais recente publicação de Myriam Fraga, objetivando verificar em que medida estes textos revisitam a obra da escritora anteriormente publicada. Temas recorrentes em *Poesia Reunida* (2008) – composto por *Marinhas*, *Pescadores de Mar Grande*, *A ilha*, *Sesmaria*, *O livro dos Adynata*, *O risco da pele*, *As purificações ou o sinal de Talião*, *A lenda do pássaro que roubou o fogo*, *Os deuses lares*, *Femina*, *Inéditos e esparsos* – retornam em *Poemas*: a memória, a viagem, a navegação, o tecer, a reflexão sobre o fazer poético, as interlocuções com pintores e escritores brasileiros e de outras nacionalidades. Todavia, estes temas são emoldurados pela percepção do fim de uma viagem que se anuncia e se aproxima do sujeito poético. O texto que serve de epígrafe ao livro de 2017 contorna esta moldura e insemína outros poemas, nos quais o eu lírico não hesita em encarar “a morte colada nos espelhos”. Trata-se de uma leitura que privilegia a própria dicção lírica de Myriam Fraga, mobilizando-a comparativamente em seus diversos momentos e espaços de realização poética, para flagrar a permanência e a rasura de determinadas imagens, temas e personagens.

Palavras-chave: Poemas; Myriam Fraga; Literatura brasileira.

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA/CNPq). E-mail: hoisel@ufba.br

Abstract: *This text focuses on Poemas (7Letras, 2017), Myriam Fraga's most recent publication. Its purpose is to verify to what extent the texts of Poemas revisit her previous work. Recurring themes of Poesia Reunida (2008) – compounded of Marinhas, Pescadores de Mar Grande, A ilha, Sesmaria, O livro dos Adynata, O risco da pele, As purificações ou o sinal de Talião, A lenda do pássaro que roubou o fogo, Os deuses lares, Femina, Inéditos e esparsos – return in Poemas, themes such as “memory”, “travelling”, “navigation”, “weave”, “reflections on poetry writing” and “interlocutions with painters and writers”. However, these themes are brought into view by the perception of an end that approaches the poet's own navigation. The epigraph of Poemas captures it and inseminates the other poems, in which the poet's voice does not hesitate to face “death stuck to the mirrors”. In order to bring forth Myriam Fraga's lyrical diction, I read its diverse moments of configuration, aiming at grasping the permanence and the erasure of certain images, themes and characters.*

Keywords: *Poems; Myriam Fraga; Brazilian literature.*

Em 2017, na Festa Literária Internacional do Pelourinho, a Fundação Casa de Jorge Amado e a Editora 7 Letras lançaram *Poemas*, um dos livros de Myriam Fraga publicado após sua morte, ocorrida em fevereiro de 2016. Entretanto, o livro foi cuidadosamente organizado por Myriam que, na sua infundável tarefa de tecer e retecer a sua poesia, ainda hospitalizada, e com o auxílio de sua fiel companheira nas artes da editoração, a amiga Bete Capinan, trabalhou até os últimos dias na revisão e na montagem dos textos.

Myriam tinha um fascínio pelo objeto livro: o traçado de suas linhas, a fonte adequada para cada texto, a arte gráfica de excelência, e a revisão... a revisão primorosa... jamais admitiu um erro. Tudo convergindo para criar a beleza de uma textualidade que envolve muitos outros signos além da palavra e configura o que se denomina de literatura. A beleza, como a alegria, são palavras entrelaçadas para compor o universo existencial de Myriam: “Uma alegria para sempre, a beleza”, “Difícil dizer que a vida não é bela e digna de ser vivida”, afirma Fraga em uma de suas crônicas sobre a ilha, em “Ventos de verão”. (2016, p. 45 e 47)

Além disso, Myriam tinha uma relação apaixonada e visceral com a escrita poética. Esta característica percorre a sua vasta obra que, dentre tantos outros temas, reflete constantemente sobre o fazer poético, em uma tentativa de entender os misteriosos labirintos da palavra e, principalmente, em uma constante procura para saber: “Onde mora a poesia? Em que desvio de asfalto minado ela se esconde?”, indagação realizada em um texto intitulado “Escrito no avião”, em *Poemas*. (2017, p 43)

Em “Ars poética”, primeiro poema do livro *Femina*, publicado em 1996, encontra-se densamente dramatizada essa “escritura das vísceras”, sentida em todo o corpo, “empapando-me as roupas / Como uma água de febre” ou

“Poesia como antojos, / Como um ventre crescendo, / A pele esticada / De úteros estalando, [...] Uma alquimia de fetos, [...] Um lampejo de sangue.” (FRAGA, 2008, p.345) Estes aspectos fisiológicos, esta alquimia de fetos e de afetos onde pulula a vida em um lampejo de sangue, são metáforas que apontam para uma concepção de poesia e, conseqüentemente, de literatura como vida, como vida pulsante, vida que insemína e enxerta cada palavra inscrita no papel a fertilizar o território da literatura e da lírica, fazendo germinar um mundo, como um ventre crescendo em lento esticar de pele, até dar forma e concretude à mágica da vida.

Pode-se interpretar por esta via um dos possíveis sentidos para a primeira estrofe de “Ars poética”: “Poesia é coisa / De mulheres / Um serviço usual, / Reacender de fogos.” (2008, p. 345) Sim, porque poesia também é paixão, “esta paixão delicada e perversa,” a produzir todas essas convulsões e modulações corporais, sentidas e experimentadas desde as entranhas até a superfície da pele, no ato da gestação. Para Myriam Fraga, poesia como gênese e criação registra essa identidade com o feminino, não importa se ela é produzida por mulheres ou por homens.

Na lírica fraguiana, o sujeito poético assume diversas vozes, simultaneamente a voz masculina e a feminina. Entretanto, os investimentos corporais, afetivos, emocionais, bem como os estados que perpassam o processo da criação poética, são associados ao processo de gestação da mulher. É femina! A concepção de uma “poesia fêmea” aparece em outro texto, “O risco na pele”, no qual o eu lírico afirma: “É da fêmea / O abismo / E as obscuras / Forças da terra. // É da mulher / A longa / Gestação dos metais.” (2008, p. 208)

Embora estas questões possam ser articuladas a partir de seus poemas, uma vez que eles se constituem como uma arte poética, isto é, como uma reflexão sobre sua própria poesia, Myriam Fraga define de maneira bastante clara e produtiva as suas concepções sobre a literatura em entrevista concedida a Giovani Ricardi, em 2009, (HOISEL e LOPES, 2011, p. 309 - 318) elucidando e confirmando questões presentes nos diversificados textos, além de atestar essa condição visceral e corporal da poesia enquanto vida pulsante. Ao responder ao entrevistador sobre a sua relação com a escrita, declara:

[É] Uma relação que envolve o corpo e o espírito e em que me realizo totalmente. A escrita é uma forma de poder que se alimenta de sua própria substância, que precisa se reinventar sempre, para que possa dar continuidade e sentido a esse jogo de faz de conta que é a própria vida. [...]

[...] Não saberia viver sem escrever. Escrevo por impulso, por necessidade e por prazer. E por vício também, é claro. Mas, muitas vezes, também escrevo para apaziguar os demônios.

[...] Existe o prazer, mas existe também o sofrimento. Às vezes, escrever é um trabalho penoso, que nos exaure, nos vira pelo avesso e pode resultar em realização, e aí é o prazer, ou em frustração, o que é bem doloroso.

[...] Quando não estou escrevendo, estou pensando em escrever. [...] Estou sempre reescrevendo o mesmo texto, até encontrar a forma que me parece mais adequada para expressar meus sentimentos.

[...] Simplesmente escrevo para sobreviver. O poeta é sempre um sobrevivente de si mesmo. (HOISEL e LOPES, 2011, p. 310-313)

Lendo os fragmentos dessa longa entrevista, percebe-se o quanto Myriam Fraga elaborou o seu processo de criação literária, revisitando constantemente seus textos, reescrevendo-os, retomando os temas já elaborados. Entretanto, nas diversas dobraduras do tecido textual, a temática se expande e se retorce para reconfigurar temas e personagens. A concepção de texto como tecido, bordado que se refaz infinitamente, aparece inicialmente relacionada à atividade de Penélope, personagem mitológica, reconhecida emblematicamente por sua ação de tecer enquanto espera Ulisses na sua longa viagem oceânica.

Entretanto, no livro de 2017, *Poemas*, esta temática retorna desvinculada das personagens mitológicas, constituindo-se como uma metalinguagem que dramatiza a própria constituição do poema. “Texto”, (2017, p.197) de maneira bastante econômica e sugestiva, traduz esse processo de reelaboração poética, ratificando o depoimento concedido a Giovani Ricardi sobre o incessante trabalho de escrita da tessitura poética. Vejamos:

Texto é o que se tece
O que se enrosca
E acontece.

Texto é o que se fia
E confia
E não se desmerece.

Texto, tapete,
É ponto no bordado,
É tecido refeito
E terminado.

É fibra, fio,
Forma fixa, trama,
Bastidor, tear,

Arte de inventar.

Neste refazimento que se identifica com o próprio ato de *inventar*, de reorganizar poeticamente para conferir outros sentidos, os temas já difundidos em livros anteriores e que compõem a *Poesia Reunida*, publicado em 2008, retornam agora em *Poemas* (2017), confirmando a predileção e o fascínio da escritora pelos motivos da viagem, da navegação, da ilha, do tempo, da memória, do tecer.

Esse projeto escritural inscrito desde os primeiros textos de Myriam Fraga se adensa nos versos do livro de 2017. Temas da *Poesia Reunida* (2008) – composto por *Marinhas, Pescadores de Mar Grande, A ilha, Sesmaria, O livro dos Adynata, O risco na pele, As purificações ou o sinal de Talião, A lenda do pássaro que roubou o fogo, Os deuses lares, Femina, Inéditos e esparsos*, e também no drama lírico da *Rainha Vashti* – são revisitados e colocados em outros contextos poéticos, revigorando as significações já estabelecidas: a problemática da memória individual e coletiva, a viagem, a ilha, a navegação, o tempo, o intensivo diálogo com as tradições mitológicas mais diversas, destacando-se a ocidental e a africana, a reflexão sobre o fazer poético, onde a voz lírica se reconhece como uma leitora voraz e uma sensível fruidora de obras artísticas e literárias, dando, assim, continuidade a uma interlocução iniciada anteriormente com pintores, músicos e com escritores brasileiros e de outras nacionalidades.

Todavia, esses temas que aportam de outras oceânicas viagens poéticas do passado são emoldurados pela lucidez do fim de uma viagem que se anuncia e se aproxima. Eduardo de Assis Duarte nomeia a sua apresentação a este conjunto de *Poemas* de “Texturas do adeus”, (2017, p. 7) ao explicitar que o eu mergulha no balanço da própria existência e espreita a sua morte “colada nos espelhos”, como se denuncia no primeiro verso de “O país invisível”. (2017, p. 17)

Na epígrafe do livro, o poema “Leusemya” causa grande impacto pela potência expressiva com que o sujeito poético dramatiza o ardor implacável da presença da morte inscrita no corpo febril, “onde os dentes do tempo desenharam” as suas marcas. (2017, p. 13) Entretanto, sobressai também desses versos pungentes a força desse sujeito que, mesmo em vão, tenta escrever novos roteiros, tendo constantemente o mar na sua trajetória. Revela-se, assim, a cintilante lucidez desse eu em relação ao clamor implacável do tempo a desfiar a vida, porém, tendo sempre como meta conhecer e desvelar os mistérios do

existir, “no escuro poço sem fundo das origens”, (2017, p. 59) como expressa um dos versos do conjunto de “Poemas do acaso”. (2017, p. 57-60) Ao emoldurar os *Poemas*, esta epígrafe pode ser lida como um roteiro, ou um mapa para o entendimento de outros versos deste livro, os quais constituem “os índices de uma doida cerimônia do adeus”, ainda recorrendo à definição de Eduardo de Assis Duarte na sua apresentação, já referida anteriormente.

“O país invisível” abre o conjunto de textos do livro e assinala também o tom que enlaça vários poemas em que se anuncia o fim de um sonho, de uma viagem, a travessia pelo rio, com o barqueiro no leme a esperar, o retorno a um país desconhecido e ao infinito azul, a presença do tempo a tragar e a desfigurar desejos, sonhos e pessoas. Nestes poemas, a enunciação do sujeito lírico em primeira pessoa confirma essa consciência lúcida que encontra prazer em navegar [...] “no fundo poço do oceano / Onde afogamos todos os conflitos”, porque aí “Ficou perdida a arca dos segredos / E a chave dos sonhos impossíveis.” (2017, p.21) Do ponto de vista dessa percepção de uma vida a desfiar, “[...] nada justifica o medo de encontrar-se / A receita da morte, entre papéis, esquecida”, como afirma o poema IV de “Poemas do acaso”. (2017, p.58)

Entretanto, é ainda vigoroso o desejo de navegar por regiões desconhecidas do tempestuoso mar do passado e da memória individual e coletiva. Este tema está presente na poesia de Myriam Fraga desde *Sesmaria*, espaço de abertura para a busca dos naufragos, dos escombros perdidos nas profundezas oceânicas da história, da história do Brasil e da Bahia, permeada pela história do eu lírico. Em *Poemas* constata-se uma predestinação para ouvir o mar que geme no mais fundo do coração, perscrutar esse chamado do mar, para nele perder-se e encontrar-se: “Talvez seja um desejo, talvez seja o destino / Um ancoradouro, um farol, um devaneio / Que me arrastam aos confins deste oceano, // Destas águas que atravesso como um naufrago”. (2017, p. 40) Estes versos encontram-se no poema “Lanterna dos afogados”, cujo título é sugerido por um dos capítulos do romance *Jubiabá*, de Jorge Amado, o qual narra histórias do cais do porto, onde as mulheres dos pescadores esperavam seus maridos com as lanternas, para clarear o caminho.

O poema tece um ambiente fantasmagórico e de pesadelo, no qual se encontra o eu lírico e todos os deserdados do mundo, circulando nesse bar que existe e não existe perto do cais, de onde partem os navios resgatados pela memória tão intensa que nem sempre pode se materializar em palavras. Sugestivamente, o poema joga com luz e sombra, recuperando o ambiente do

bar no cais do porto, já inscrito na epígrafe retirada do livro de Jorge Amado, e por onde circulam as personagens amadianas, na sua trajetória de aventura e desventura pelo cais e pelo mar. Há uma forte vinculação entre o sujeito lírico e as personagens que transitam pelos espaços do cais, evocando o infortúnio das figuras amadianas e a sua própria. Por sua vez, as reminiscências das lembranças do passado vividas no presente, ameaçadas pela espreita da morte, projeta a figura de um navio fantasma, em um caminho sem volta, onde o sujeito se afoga e onde “os segredos e desejos [...] se desfazem ao sabor dos pesadelos.” (2017, p.41)

Observa-se uma grande identificação entre o sujeito poético e o mar, que ele define como a sua própria pátria: “Meu país é o mar, meu oceano”. E o mar oceano é, simultaneamente, espaço de sonho, de desejo, de naufrágio, de morte e de salvação. Na poética fraguiana, a água simboliza as forças humanas mais escondidas e mais poderosas, que jorram das regiões profundas do inconsciente humano e sua poesia é um território bastante fértil para uma incursão interpretativa a partir do pensamento de Gaston Bachelard, principalmente em suas considerações sobre a água e os sonhos. (BACHELARD, 1998) É na viagem pelas profundezas oceânicas que o eu se perde e se encontra, ele que é ilha de si mesmo. “É preciso perder para encontrar-se inteiro”, declara em um dos versos de “Poemas ao acaso”. (FRAGA, 2017, p. 59)

É esse desejo, ou melhor, é essa necessidade radical – pode-se dizer, essa necessidade cruel, na concepção de Antonin Artaud sobre o teatro da crueldade – de atravessar as zonas mais obscuras e profundas do ser, de navegar pelos confins desse oceano e dessas águas que o sujeito percorre como um náufrago, na incansável procura de si mesmo, que possibilita também a constante reinvenção de si. A poesia de Myriam Fraga explicita claramente a noção de *devenir* de Gilles Deleuze, pois escrever é um constante *devenir*, é uma tarefa sempre inacabada, sempre em via de se refazer e que ultrapassa qualquer matéria vivida ou vivível.

Navegar pela memória é um tema predileto da lírica de Myriam Fraga, conforme estudo realizado no ensaio “A memória nas paisagens líricas”, (HOISEL & LOPES, 2011, p. 79-94) e é também um incessante inventar: reorganizar a placa-mãe, refazer os dados, reinventar-se, como os fios que tecem os XLV textos que compõem uma sessão denominada de “Memórias inventadas” de *Poemas*. A epígrafe desse conjunto de textos é um fragmento de um poema de Cecília Meireles, cuja dicção lírica, entremeada com a dicção de

Castro Alves, perpassa a tessitura dessas memórias inventadas, a confirmarem ainda as considerações efetuadas por Myriam Fraga no prefácio do livro *As purificações ou o sinal de Talião*, publicado originalmente em 1981: “Regressar no tempo através da Poesia, que é conhecimento, mas é, também, purificação e ascese [...] Recordar para conhecer e, ao conhecer, salvar-se.” (FRAGA, 2008, p. 218) Na “explicação (quase) desnecessária” que abre *As purificações...*, delineia-se com muita evidência a função da poesia em suas relações com a memória: “Ao poetas cabe o ofício de *mnemon*: lembrar aos homens que o esquecimento da própria história pode levar à morte”. (2008, p. 218)

O primeiro poema das “Memórias inventadas” inicia com este movimento em direção ao passado: “Eram tudo ruínas de um passado / Inventado de novo a cada dia. / Na medida em que o todo se faz parte, / E o vivido renasce nas esquinas / A morte silenciosa se aproxima” (FRAGA, 2017, p. 129), atestando a necessidade deste sujeito de passar a vida a limpo, ou de fazer um balanço da própria existência, incursionando por diversas paisagens, para redimensionar afetos, sonhos e desejos. Nesse movimento, a voz lírica flagra “a menina escondida entre as folhagens,” percorre a casa da avó, “com seus ares de sobrado e fortaleza,” e “com seu porão assombrado”, “as varandas abertas para o mundo”, “a névoa baixando sobre o rio”. Este navegar pela memória sem margens, este querer dar vida ao que se foi, é perpassado por um tom de lamento, exibindo o estranhamento e a perda da familiaridade com as coisas mais próximas e com as vivências mais intensas e íntimas – o “Que nos faz estrangeiros todo o tempo” –, e pela constatação de que tudo o que viveu e amava “Eram apenas memórias inventadas”.

Pode-se estabelecer uma correlação entre esta constatação e o final do poema “Romance da volta de Ulisses”, (2017, p. 76) quando Penélope, compungida e em tom de lamento diante da figura transfigurada do amante, afirma em tom pungente: “E que nada mais restara / Daquela espera sofrida, / Além de um velho sudário / Tecido com a própria vida.” (p. 78) O poema dramatiza o retorno de Ulisses e a dolorosa percepção de Penélope de que se encontra diante de um outro homem, que ela não consegue reconhecer, por não encontrar nele nem a sombra do amante perdido. Tudo se dissipou na tormenta dos anos e da viagem oceânica de Ulisses: o brilho dos olhos ofuscou-se, os braços já não se curvam. Resta apenas os vestígios de sua imagem, revivida pela lembrança dos beijos ardentes e da fala macia sussurrada ao ouvido, impressas e preservadas no sudário, que durante longos anos ela teceu e reteceu para o

seu retorno e onde se enredam os fios de sua história, possibilidade encontrada para preservar a memória do amante e retirá-lo da sombra do esquecimento. Todavia, ao regressar Ulisses, a sua figura já não corresponde às impressões retidas na memória! E Penélope constata em tom de lamento: “Porém, o que mais me tocava, / O que mais me compungia / Era saber que era outro / O homem por quem eu morria.” (2017, p.77)

Na poética de Myriam Fraga, Penélope e Ulisses são projeções ou desdobramentos do eu lírico e é impressionante como, a partir da história dessas duas personagens mitológicas, irradiam-se os temas mais recorrentes e caros à poesia de Myriam Fraga desde o início de sua atividade literária, até o livro publicado em 2017: a viagem, o navegar, a ilha, o tempo, a memória, o tecer.

A importância da recriação dessas personagens e a sua simbolização pode ser dimensionada pela frequência com que elas são reinventadas por Myriam, comparecendo à cena textual desde 1981, em *As purificações ou o sinal de Talião*. Reaparecem em *Os deuses lares*, de 1991, e em *Femina*, de 1996. Neste longo itinerário poético, muitas significações se agregam aos seus nomes, principalmente com referência a Penélope, uma navegante de si mesma, no seu mar oceano, a desconstruir a personagem da *Odisseia*, colocando-a nas bordas da epopeia homérica e da tradição literária, que a representa como símbolo da fidelidade feminina.

RETECENDO AS CONSIDERAÇÕES

A partir dessas reflexões, pode-se afirmar a consistência do projeto literário de Myriam Fraga. Se nele encontramos exemplos de poemas em que a força irruptiva da inspiração e do inconsciente visita o sujeito poético, ultrapassando qualquer forma de controle, e transforma o seu corpo em um catalizador de energias pulsantes, ao espalhar sensações de calafrio e de arrepios, como no poema “Possessão”, (2008, p. 419) ao expor a natureza visceral desta poesia, por outro lado, muitos versos configuram o processo de criação como algo premeditado, compassado, regulado, onde nada transborda para fora dos seus limites. Essa contenção aparece imagetivamente representada pelo voo do gavião, quando ele quer pegar a sua presa, como elucidada “O gavião”. (2008, p. 168)

A contenção, a precisão e o rigor do voo do gavião traduzem a etapa de reelaboração das forças irruptivas que lançam o sujeito no labirinto da

linguagem, no sentido de encontrar “o alvo, o preciso, o exato ponto inalcançável e azul do infinito”, como reafirma o texto “O pássaro”, de *Poemas*. (2017, p. 119) Ao reencenar a engenharia de construção poética presente nos textos “Possessão” e “O gavião”, paradoxalmente, o verso de “O pássaro” evidencia como a exatidão e o imponderável (“O reino do ignoto e do escondido”) convivem harmonicamente na poética de Myriam Fraga.

No rememorar de uma vida que se espraia pelos *Poemas* do livro de 2017, evidencia-se mais intensamente os traços biográficos presentes nesta potente voz feminina, que não vacilou em afirmar que “poesia é coisa de mulheres”, que ousadamente se multiplicou nas personagens que criou, nos territórios que inventou, nas palavras que disseminou.

Myriam tinha consciência da sua imortalidade. Esse foi um dos seus motivos prediletos, ao recorrer tantas vezes aos temas da memória, do tempo e da viagem, na sua persistente e amorosa tarefa de tecer e retecer a linguagem: ela, uma constante peregrina no reino das palavras. Recordo um dos seus versos: “Guardo a memória / Do mundo / E amadureço / Intemporal e eterna / No que teço.”

Ao visitar suas “memórias inventadas”, o sujeito poético, numa espécie de ritual de despedida e de lamento, reafirma o seu legado e a sua permanência nas palavras que deixou:

Quando a morte fechar meus olhos calmos
E o canto sufocado na garganta
Silenciar um dia seu lamento,
Ficarão, qual vestígio que se apaga
No chão onde deixei minhas pegadas,
Os rastros de um perdido viajante
De quem restarão apenas como um sopro,
Na entrada do portal do esquecimento,
Palavras espalhadas pelo vento. (2017, p. 135)

Como desenhar rotas e mapas faz parte da navegação desse sujeito, na “canção do céu estrelado”, traça o seu roteiro futuro:

Quando eu morrer...
Quero ficar para sempre,
Girando resplandecente
Em paisagens de Van Gogh. (2017, p. 84)

E então, no poema “Lembrança”, adverte:

Não te lembres de mim
Como uma velha amiga,
Que ficou no passado. (2017, p. 223)

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FRAGA, Myriam. *Poemas*. 1ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
- FRAGA, Myriam. *Ventos de verão*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2016.
- FRAGA, Myriam. *Rainha Vashti*. Ilustrações de Olga Gomez. Salvador: A Roda Edições, 2015.
- FRAGA, Myriam. *Poesia reunida*. Salvador, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia/Academia de Letras da Bahia, 2008.
- HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. *Poesia e memória: a poética de Myriam Fraga*. Salvador: EDUFBA, 2011

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 22/04/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 20/05/2018.